

AQUI DENTRO DO LADO DE FORA: MOVIMENTO E ABANDONO EM TEXTOS DE ARNALDO ANTUNES E PAULO LEMINSKI¹

ALEXANDRE MORAES

UFES

Ele podia ser nomeado, mas não
era nem construído nem concebido.

— *Michel Foucault, Os Anormais*

1

LUGARES E ESPAÇOS

Em o buraco do espelho está fechado², insere-se a discussão do movimento da subjetividade a partir do aparente paradoxo da supressão das diferenças espaciais. Os advérbios de lugar (aqui/lá/cá/ali/fora/dentro) perdem efetivamente sua diferenciação e, por diversas razões, ganham cargas semânticas muito semelhantes. Vejamos. A distinção entre “aqui”(verso 2) e “lá” (verso 4) estão suprimidas: tanto o *eu lírico* deve permanecer em um lugar enunciado “aqui” quanto, simultaneamente, nos informa encontrar-se em outro: “no lado de lá onde eu caí”(verso 4). “Aqui”, lugar imediato, ponto de enunciação da referência espacial no verso 2 dissolve-se, a seguir, em “lá”. “Cá” (verso 5) também passa a equivaler a “lá”, do verso anterior.

Os lugares estão embaralhados e a dissolução da referência espacial faz com que a voz enunciativa do *eu lírico* se torne a cada estrofe mais dissoluta até chegarmos ao verso 20 (“aqui dentro do lado de fora”) em que, diretamente, o *eu lírico* confirma a ausência de lugar definido e a existência de equivalências absolutas: “aqui dentro” equivale na já confusa voz enunciativa a encontrar-se “do lado de fora”. A dissolução do espaço vai ocasionar o aparecimento do tempo como última possibilidade de localização do eu: “agora eu tenho de ficar agora” (Verso 18). O primeiro vocábulo do verso 18, “agora”, indica a referência temporal e, o segundo, aquela de espacialidade. Se nos perguntássemos onde se encontra finalmente o *eu lírico*, a resposta seria: “agora”. Repare-se, ainda, que não resta ao *eu* uma enunciação de um tempo com matizes ou com largo raio de variação

e transcurso; trata-se de um presente fatal, um tempo sem escapatória, não havendo possibilidade de fuga ou de transcurso; um presente que faz cessar o espaço colocando-se no lugar da espacialidade e, sobretudo, não admitindo qualquer possibilidade de localização.

Em *Fora de si*³, a questão do espaço reservado à existência do *eu lírico* é também um dos fios construtivos do texto, entretanto, um detalhe salta, esclarecedor, aos olhos: a possível ordenação diferenciada da subjetividade, “eu fico louco”. A “loucura”⁴ garante a saída do *eu*: “eu vai embora” (verso 7). É a probabilidade do estabelecimento de uma outra ordem subjetiva que garante a continuidade do espaço e sua existência: “Depois eu saio daqui” (verso 6) equivale diretamente, sem deslize antitético, a “Eu fica fora de mim” (verso 4).

Nos dois textos, o movimento é a problemática central. Na superfície textual desloca-se, inclusive, o pronome “eu” e faz-se configurar uma nova concordância verbal no espaço poético: “eu fica fora de mim” (verso 4) e “eu fica bem assim” (verso 10). A nova “concordância” nos mostra a relevância que o movimento tem na problemática central enfiada no último verso: “eu fico sem ninguém em mim” ou, anteriormente, “Eu fico oco”. Observamos que a existência de duas possibilidades de concordância demonstra e efetiva textualmente os dois momentos do processo de esvaziamento e/ou afastamento do *eu*.

Paulo Leminski em *[entro e saio]*⁵ e, sobretudo, em *[debruçado num buraco]*⁶ vai tratar da mesma problemática. Esvaziamento e possível fuga ou organização diversa da subjetividade: o buraco aponta o vazio referenciado no texto, a possível ausência de espaço, apenas indicando um movimento de “ir e vir”, sabendo, contudo, que entrar/sair/ir/vir neste instável espaço nomeado “dentro” dá-se apenas como possibilidade, “ensaio”, ato ainda não efetivado, tentativa e erro. Leminski deixa claro em *[entro e saio]* que há ainda exterioridades/interioridades, o movimento se faz nervoso em decorrência do “espaço rápido que verificaremos em “o mínimo do máximo”. Neste último poema, o tempo se dá lentamente, o espaço se movimenta “rápido”, e as formas de racionalidade, ao contrário do famoso dito descartiano, só fazem apagar (ou distanciar) uma interioridade e sua existência: “quanto mais penso/menos capto”. O movimento é o que de forma alucinante vai ter importância: “rpto o ritmo”. Entretanto, no texto leminskiano há uma série de convergências: “espaçotempo” e “espaçodentro”. A série antitética possui a devida proeminência: o espaço e o tempo em que se insere o movimento são *rápidos* e, ganham importância, ao passo que o “espaçodentro” é coagulado pela lentidão, provocando no *eu lírico*, uma dissolução: “quando me aproximo/simplesmente me desfaço”. A interioridade é vista como *topos* de lentidão, o movimento é resguardado ganhando uma possibilidade de escoamento do sentido e a aproximação da subjetividade que

ocasiona a dissolução do *eu* e de si própria. O pensamento, a racionalidade, não capta o movimento lentíssimo da subjetividade, *não* servindo como ferramenta de entrada/saída/aproximação.

Voltando a Arnaldo Antunes, se nos lembrarmos da melodia proposta para os dois poemas atrás discutidos, veremos que o suporte musical vem corroborar o que aludimos. Para “*fora de si*”, verifica-se nervosa melodia, batidas sincopadas, música dançante em ritmo de rock; ao contrário, para [*o buraco do espelho está fechado*] Arnaldo vai introduzir musicalmente o poema quase recitando o texto, acompanhado de melodia dissonante, arranjo fluido. O som reduplica o sentido: no primeiro caso a batida estridente indica o movimento repleto de possibilidades, certa alegria e vigor do *eu* lírico diante do encontro de um espaço.

Em outros termos: “ficar fora de si”, deslocar-se, resulta em “eu fica bem assim”. Em [*o buraco do espelho está fechado*] não há acesso ou regresso do *eu* a uma possível interioridade já dissoluta, o som indica a constatação e o peso do abandono e de ser abandonado, inclusive, pelo próprio abandono numa intensificação dolorosa. A reduplicação mostra claramente a intensidade, o *eu lírico* já não encontra locais para saída, escape. Aqui/dentro/fora representam o mesmo esvaziamento de um espaço subjetivo. Ao contrário, observamos em *fora de si*: o *eu* encontra um lugar vago, difuso, mas que ainda o deixa *bem*, “fora de si” (de um *self* individuado); desloca-se a frase e o verbo indica um outro sujeito, a renovação vem, portanto, acoplada ao significante e ao sentido esfusiente da melodia proposta.

Som e sentido se encontram numa obra cujos suportes menos que indicar alguma contradição, dispersão ou impossibilidade estrutural, corroboram sentidos a cada consumo, o que Adriane Rodrigues de Oliveira⁷ chamou de “quebra e aglutinação simultâneas de fronteiras artísticas”. O que não se vê, na maioria dos textos e os suportes propostos, é algum tipo de “rivalidade” entre os diversos suportes, sejam eles visuais, lingüísticos e/ou sonoros. Os registros e suportes múltiplos na obra de Arnaldo Antunes parecem aglutinar sentidos seja pela “quebra de fronteiras”, seja pela união de significâncias num tipo determinado de suporte; instauram, portanto, leituras dinâmicas de “aglutinação e quebras”, mas “quebras” que possibilitam novos sentidos e integram-se num conglomerado de elementos significativos em que persiste a colaboração entre visualidade/som/palavra. A “quebra” concretiza os mecanismos de passagem, os variados momentos em que podemos promover decodificação de sentidos que procuram centros de integração e perpassam (ou ultrapassam) suportes e fronteiras. Por outras palavras: a “quebra” constitui a ponte, lugares de deslize dos códigos significativos, interpenetração de suportes, colaboração entre formas semióticas e suas relações. *Educam* — através de saborosa multiplicidade e oferta

de signos (e possibilidades de intersemiose) sempre muito fartas (no sentido deleuziano⁸ do termo (educação = leitura/consumo de signos/oferta) — o consumidor do trabalho artístico ao que de fato já é a proposição do sentido na obra: deslizamento, escoamento de sentidos, busca de novas formas para a subjetividade, saída e esvaziamento (ou contestação de uma forma lírica) do *eu* como processo de individuação que se amostra.

2

“EU FICA OCO”: SOLIDÃO, ABANDONO E EXPERIÊNCIA

EM *NINGUÉM*, ARNALDO ANTUNES perfaz dois caminhos: se por um lado indica o prazimento de um *eu* individuado (“nenhuma pessoa/ninguém”), *pessoa* esta despojada e sem os adereços de um *ontos* individuado e, também, sem elementos indicativos de configuração do indivíduo (“sem língua e sem linguagem”, etc...); por outro lado, aponta o movimento da subjetividade na construção de um indivíduo e fecha o texto nos dizendo: “eu sou/eu sou/uma pessoa”. O texto é construído a partir de antíteses de configuração do indivíduo e do processo de individuação: ora verificamos o indivíduo “sem ninguém em mim” e, num segundo segmento do texto, a pessoa que se afirma, ou seja, restaura-se o processo de individuação de um *eu* configurado a partir de elementos do mundo social e dos mundos da linguagem, mostra-se a fragilidade destes dados, a quebra e sua possível disposição antitética afirmando, contudo, a “pessoa”, fruto do movimento e da inserção nos mundos de personalização do indivíduo. Mesmo sem espaço ou exposta a uma enorme fragilidade e trepidação desses elementos de configuração do indivíduo, ainda assim, existe o *eu* dado como: “sou uma pessoa”. Em [*o buraco do espelho está fechado*], instaura-se a *violência* (estruturas de apagamento)⁹, quer dizer, o abandono, a impossibilidade de um *eu* afirmar-se encontrando, deste modo, a fatal e, neste caso, dolorosa experiência de ver/ser de um *eu* inserir-se no movimento subjetivo e em sua configuração. Não sem razão o texto de Arnaldo nos fala em “abandono” e seu correlato: “ser abandonado”. A reduplicação, a que aludimos, nos leva aos tempos contemporâneos em que “suportar-se” transformou-se no grande dilema dos indivíduos nas “sociedades afluentes” e o afastamento dos grandes “temas metafísicos”, a mudez como impossibilidade de um sujeito, a afirmação problemática (intensiva) de uma pessoa e sua *experiência* (produção, transmissão, (de)/codificação de signos e sentidos) dilacerada são marcas desses tempos e mundos. Leiamos esclarecedor trecho de Jameson:

Em termos existenciais, o que isso significa é que nossa experiência não é mais inteira: não somos mais capazes de intuir qualquer conexão entre as preocupações da vida privada, enquanto esta segue seu curso dentro das paredes e confinamentos dentro das sociedades afluentes, e as projeções estruturais do sistema no mundo exterior, sob a forma de neocolonialismo, opressão e guerra contra-revolucionária. Em termos psicológicos, podemos dizer que, como uma economia de serviço, estamos doravante tão distanciados das realidades da produção e do trabalho no mundo, que habitamos um mundo onírico de estímulos artificiais e de experiência televisiva; nunca em qualquer civilização anterior as grandes preocupações metafísicas, as questões fundamentais do ser e do sentido da vida pareceram tão completamente remotas e sem significado.¹⁰

Jameson trata da *experiência* e sua vinculação com os mundos coletivos: nota-se a *experiência*, sua transmissão e seus filamentos de ligação. Vemos, nos textos de Arnaldo e Leminski, as “narrativas” e vivências subjetivas que enunciam esta *experiência*, sua movimentação espacial e temporal e, sobretudo, sua (des)vinculação com as estruturas dos mundos sociais. Também Bauman¹¹ nos lembra da impossibilidade de “tomada de decisão” pelos indivíduos — a ausência de uma decisão que não seja artificial, mas efetivamente conjugada entre o indivíduo e as condições sociais de inserção de sua subjetividade — e das relações entre “egos fragmentados e problemáticos” nos mundos contemporâneos, ou seja, a dificuldade do indivíduo estabelecer um vínculo entre suas experiências e as preocupações com o “sentido da vida” por um lado e, por outro, sua inserção nos mundos da tradição e das estruturas sociais. Benjamin, muito antes de Jameson e Bauman, já nos alertava para a complexa experiência de mudez que a modernidade trazia quando nos lembrava que os guerreiros modernos, ao retorno da guerra, não tinham ou não podiam *contar, narrar*. Suas histórias não mais se localizavam no espaço *entre* um *eu* que se dá e se consubstancia no meio de uma coletividade e de uma tradição, ou seja, suas histórias são apenas suas, não mais remontam a toda uma tradição e mitologia que fazia com que o sujeito ao *narrar-se* estava, também, enunciando e inserindo-se em toda uma história e na multiplicidade de suas estruturas¹².

Em resumo, as experiências são apenas e efetivamente unas, desligadas, deslocadas, a solidão e o esvaziamento de um sentido coletivo provocam, neste caso, a mudez, o silêncio. O avassalador sentimento de solidão e de abandono que, como vimos, encontra-se tão presente nos trabalhos de Arnaldo Antunes e Leminski, aparecem como corolário de uma impossibilidade. O “mundo onírico” aludido por Jameson e o da mudez benjaminiana ou aquele dos indivíduos “em busca da política”, ocasionam a solidão como forma de existência (moderna e pós-moderna, interessante semelhança entre os dois períodos) e o abandono, isto é, a ausência de ligações e de inserções são seus significantes básicos.

As obras de Arnaldo Antunes e Paulo Leminski aqui enfocadas tratam do indivíduo abandonado, vivendo no trânsito mínimo de subjetividades em processo de esfacelamento, indivíduos que apenas “ficam bem assim”, ou seja, ao se afastarem de sua própria configuração enquanto pessoas, embora — e que fique muito claro — a poesia de Arnaldo e a de Paulo Leminski encenam textualmente *eus* em luta contra o massacre do abandono que, em última instância, mostram um indivíduo em estado máximo de abandono e solidão. O mundo jamesoniano “onírico” e “artificial” ou mesmo aquele dos “espasmos elétricos” de que nos falam alguns teóricos da pós-modernidade, equivalem aos mundos da solidão apontados por Arnaldo ou do trânsito vivido na poesia leminskiana.

A solidão e o abandono, o trânsito de um *eu* em busca de si, significam e querem fazer significar uma experiência que não se dá, e sua quebra e silêncio. Entretanto, devemos nos perguntar o que nos diz a “quebra da experiência”. Ora, as sociedades afluentes contemporâneas e suas literaturas nos mostram dois fenômenos. O primeiro deles: indivíduos que perderam a noção de sujeito no objeto e nas histórias das subjetividades e dos objetos; segundo: indivíduos que não se afirmam senão pela busca de uma política de suas pulsações de desejo e de inserção, ou seja, indivíduos que precisam afirmar categoricamente “eu sou/eu sou/uma pessoa”. A aparente ingenuidade da afirmação nos mostra muito inequivocamente a intensidade de uma carência de subjetividade e da falta de concretude que a noção de pessoa ganhou. A ausência de vínculos com uma tradição que parece esvair-se (pátria/família/deus/ciência/razão/verdade) legou ao indivíduo a solidão e o sentimento de abandono. A reduplicação (“pelo abandono abandonado”) e o grito de Arnaldo Antunes (“eu sou uma pessoa”) evidenciam um estado geral da produção de sentidos em que estamos inseridos na contemporaneidade.

APÊNDICE

ARNALDO ANTUNES

[o buraco do espelho está fechado]

o buraco do espelho está fechado
agora eu tenho que ficar aqui

com um olho aberto, outro acordado
no lado de lá onde eu caí

pro lado de cá não tem acesso
mesmo que me chamem pelo nome
mesmo que admitam meu regresso
toda vez que eu vou a porta some

a janela some na parede
a palavra de água se dissolve
na palavra sede, a boca cede
antes de falar, e não se ouve

já tentei dormir a noite inteira
quatro, cinco, seis da madrugada
vou ficar ali nessa cadeira
uma orelha alerta, outra ligada

o buraco do espelho está fechado
agora eu tenho de ficar agora
fui pelo abandono abandonado
aqui dentro do lado de fora¹³

Fora de si

Eu fico louco
Eu fico fora de si
Eu fico assim
Eu fica fora de mim

Eu fico um pouco
Depois eu saio daqui
Eu vai embora
Eu fico fora de si
Eu fico oco
Eu fica bem assim
Eu fico sem ninguém em mim¹⁴

Ninguém

Uma pessoa
Ninguém
Nenhuma pessoa
Ninguém
Uma pessoa
Ninguém
Também

Numa pessoa
Nenhuma pessoa
Ninguém
Uma pessoa
Ninguém
Nenhuma pessoa
Ninguém
Também
Numa pessoa

Sem cabelo e sem peruca
Sem dente e sem dentadura
Sem perna e sem muleta
Sem peito e sem chupeta
Sem nariz e sem platina
Sem dor e sem aspirina
Sem seio e sem silicone
Sem voz e sem microfone
Sem pele e sem implante
Sem safena e sem transplante
Sem músculo e sem ginástica
Sem ruga e sem plástica
Sem barriga e sem dieta
Sem destino e sem meta

Uma pessoa
Ninguém
Nenhuma pessoa
Ninguém

Uma pessoa
Ninguém
Também
Numa pessoa

Nenhuma pessoa
Ninguém
Uma pessoa
Ninguém
Nenhuma pessoa
Ninguém
Também
Numa pessoa

PAULO LEMINSKI

O MÍNIMO DO MÁXIMO

Tempo lento,
espaço rápido,
quanto mais penso,
menos capto.
Se não pego isso
que me passa no íntimo,
importa muito?
Rapto o ritmo.
Espaçotempo ávido,
lento espaçodentro,
quando me aproximo,
simplesmente me desfaço,
apenas o mínimo
em matéria de máximo.¹⁵

[debruçado num buraco]

Debruçado num buraco

Vendo o vazio

Ir e vir¹⁶

[entro e saio]

entro e saio

dentro

é só ensaio¹⁷

Notas

1 Este artigo é composto por duas partes, sendo esta a primeira. A sua parte sequencial será publicada no próximo número desta revista.

2 ANTUNES, Arnaldo. [o buraco do espelho está fechado]. In: *Esses poetas. Uma antologia dos anos 90*. Org. Heloisa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 1998, p.71.

Todos os poemas citados neste ensaio encontram-se no apêndice ao final.

3 ANTUNES, Arnaldo. Fora de si. In: *Ninguém*. São Paulo: BMG Ariola, 1995, encarte/CD.

4 Cf. FOUCAULT, Michel. *Os anormais*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

5 LEMINSKI, Paulo. [entro e saio]. In: *Caprichos & relaxos*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1983, p.70.

6 LEMINSKI, Paulo. [debruçado num buraco]. In: *Caprichos & relaxos*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1983, p.103.

7 OLIVEIRA, Adriane Rodrigues de. "Acordo": movimento e circularidade na poesia de Arnaldo Antunes. In: *Poesia e contemporaneidade. Leituras do presente*. Org. Maria Lucia de Barros Camargo e Celia Pedrosa. Chapecó: Argos, 2001, p.187 e sgs.

8 DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. Trad. Roberto Machado et alii. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

9 MAFFESOLI, Michel. A dinâmica da violência. Trad. Cristina M.V. França. São Paulo: Revista dos Tribunais/Vértice, 1987.

10 JAMESON, Fredric. *Marxismo e forma. Teorias dialéticas da literatura no século XX*. Trad. Imna Maria Simon et alii. São Paulo: Hucitec, 1985, p. 7 e sgs.

11 BAUMAN, Zigmunt. *Em busca política*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

12 Cf. BENJAMIN, Walter. "O narrador. Considerações sobre a obra de Nicolai Leskov" in: *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. 6ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

13 ANTUNES, Arnaldo. [o buraco do espelho está fechado]. In: *Esses poetas. Uma antologia dos anos 90*. Org. Heloisa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 1998, p. 71.

14 ANTUNES, Arnaldo. Fora de si. In: *Ninguém*. São Paulo: BMG Ariola, 1995, encarte/CD.

15 LEMINSKI, Paulo. O mínimo do máximo. In: *Distráidos venceremos*. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 26.

16 LEMINSKI, Paulo. [entro e saio]. In: *Caprichos & relaxos*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1983, p.70.

17 LEMINSKI, Paulo. [entro e saio]. In: *Caprichos & relaxos*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1983, p.70.